

RAÇA, CLASSE SOCIAL E RELAÇÕES DE GÊNERO NO ROMANCE CLARA DOS ANJOS

Debate em Teoria Social

GT29: Otra globalización: nuevos saberes y prácticas científicas, literárias y artísticas

VINÍCIUS DE AGUIAR CALOTI
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

Este ensaio apresenta uma interpretação da sociedade brasileira, a partir da leitura do romance social Clara dos Anjos, abordando temáticas como o racismo, o preconceito de classe social e as relações de gênero, através de autores vários, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Ideal Peres. Para tanto, abordaremos a influência da vida social do escritor Lima Barreto na produção da sua obra, objetivando ressaltar como a questão social, influenciou na sua subjetividade, sensibilidade e pensamento social, no contexto da Primeira República.

Palavras-chave: Pensamento Social Brasileiro. Racismo. Relações de Gênero. Lima Barreto.

INTRODUÇÃO: LIMA BARRETO. UM AUTOR NEGRO, MARGINAL, LIBERTÁRIO

É chegada, no mundo, a hora de reformarmos a sociedade, a humanidade, não politicamente que nada adianta; mas socialmente que é tudo.
Marginália, 1953.

Pouco se tem estudado e produzido sobre o literato e jornalista Lima Barreto (1881-1922), pensador social brasileiro que nasceu no final do Brasil Império e viveu no período da República Velha [1]. Seus artigos de jornais, revistas, cartas, contos, crônicas, memórias, romances e mesmo os escritos inacabados que ansiava escrever, nos dão indícios para inferir e estimar a sua verve, bem como a largueza e densidade de seus pensamentos e sentimentos.

Mulato de temperamento tímido, porém irreverente, sarcástico e cáustico em seus escritos. Corpo exalando o azedume do suor curtido nos subúrbios proletários onde, sem opção, vivia. Sofreu na pele os reveses de uma sociedade opressora, atravessada pelos mais diversos preconceitos. Candente como o núcleo de uma estrela, sua trajetória lembra em muitos aspectos, a de outros "boêmios", "desajustados" e "inadaptados" (Nascimento, 2010), "humanos, demasiado humanos" (Nietzsche, 2000), para a sociedade de seu tempo.

Lima perdeu a mãe quando pequeno, vítima de tuberculose. Embora estudante excepcional, sofreu preconceitos raciais e perseguições na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, tendo que deixá-la, devido ao enlouquecimento do pai e a necessidade de sustentar os seus irmãos. Abandonou o curso de Engenharia e ingressou como bedel no arsenal do Ministério da Guerra (Barbosa, 2002).

Nesta repartição, trabalhou com o saudoso Domingos Ribeiro Filho [2], anarquista declarado, atuante nos meios libertários, quem também o teria influenciado social e teoricamente. Compartilhou com ele desígnios literários e a lide em redações d'alguns periódicos demasiado interessantes, como a autogestão da revista Floreal, de cultura literária e crítica libertária [3]. Frequentou círculos de escritores, jornalistas, poetas, boêmios e bedéis na antiga capital federal. Barreto conheceu igualmente o *méandre* do serviço público - a burocracia, a falta de espírito e as mazelas sociais e culturais que

caracterizam um legado brasileiro de tradição ibérica, tais como o familismo político (Freyre, 1995; Holanda, 1983), o coronelismo (Leal, 2012) e o patrimonialismo (Holanda, 1983) [4].

A impossibilidade de mobilizar o seu potencial criativo no exercício de suas funções deixava Lima desgostoso e muitas vezes triste. Aliás, suportou o preconceito racial trabalhando como bedel no Arsenal do Ministério da Guerra. Em certa feita, fora tomado algumas vezes por contínuo devido à sua negritude, sentindo-se um tanto ferido na autoestima. Excogitando que por ser mulato (muitos diriam, negro) e por viver numa sociedade racializada como aquela, sempre estaria condenado a um lugar social de confinamento (Carvalho, 2006) [5], registrando o caso em seu Diário Íntimo.

Em seus vários escritos, Lima Barreto apresenta suas críticas e recusas ao nacionalismo e patriotismo, sob as suas mais variadas caratonhas. À Primeira República contrasta a Monarquia, mostrando seus males, interpenetrações e suas continuidades. A diferença para o grosso das camadas trabalhadoras, muitas vezes poderia estar apenas no rótulo do regime político, devido ao descalabro da questão social [6].

Ainda no Ministério, enquanto amanuense expõe em seu diário a permanência do racismo oriundo da sociedade escravocrata, no regime republicano [7]. Relatando a história de um major negro (Major Vital), ex-combatente na Guerra do Paraguai e servente do Arsenal, que morreu na mais abjeta miséria; e a sustada nomeação de um professor (Hemetério) do Colégio Militar, devido ao preconceito social contra a pele escura no Brasil da Primeira República (Lima Barreto, 1956).

Em sua vida breve despallhou em jornais e revistas, assim como em escritos publicados e não publicados, estilhaços de sua vida. Estes mais tarde foram reunidos por seus biógrafos. Através de tais fragmentos podemos entrever alguns aspectos da sua vida privada, assim como os vários conturbados dilemas familiares, comuns à população que vive nas periferias das grandes cidades. Da mesma forma vislumbramos o registro de uma época com suas ambiguidades, contradições, paradoxos, tensões e potencialidades, delineados através de seu olhar peculiar, voltado para os detalhes do detalhe, das sociabilidades em ebulição.

É notável a contribuição de Lima Barreto para a literatura e o pensamento social brasileiro. Sua criação literária enfoca o mundo dos trabalhadores, nos subúrbios do Rio de Janeiro, no geral pobres e descendentes de negros, como o nosso autor. Seu romance retrata aqueles que estão à margem da sociedade de classes e impulsionam a sua escrita feraz, percorrendo o movimento de se voltar à periferia, sob linguagem simples, para dar voz aos invisíveis que nela se encontram. Eis, pois uma temática e abordagem recorrentes no bojo de sua literatura social.

Ademais de um precursor do romance social e do realismo crítico no Brasil, Lima Barreto é considerado um autor eminente da literatura afro-brasileira, sendo um dos fundadores desse estilo literário. Sua obra requer ser apropriada, refletida e interpretada, a fim de desvelar os signos da sua relação com a literatura marginal. O romancista avoca "a problemática do negro de modo aberto, pleno, em suas dimensões humanas, sociais, culturais e artísticas" (Ianni, 1988, p.6), contribuindo desse modo, para uma visão sobre a negritude, capaz de representar socialmente as condições a que estariam submetidos os negros, mestiços e pobres no Brasil pós-abolicionista.

1. CLARA DOS ANJOS, A PRIMEIRA REPÚBLICA E A SOCIEDADE BRASILEIRA

No romance *Clara dos Anjos* o escritor se esmera por descrever minuciosamente o ambiente que caracteriza o subúrbio do Rio de Janeiro. Retratando miniaturizadamente o tempo, as paisagens, as casinhas, as ruelas, os fluxos de pessoas, os afetos, as emoções, os sentimentos, os comportamentos e as discussões - tudo amontoado e em fase de expansão como “uma longa faixa que se alonga”.

Após desenhar esse espaço de exclusão, o narrador incisivo, zurze a sua crítica ao governo carioca. Verdascando o desapareço do Estado brasileiro pelas periferias (e pelo proletariado que medra

ali), os impostos abusivos e as obras faraônicas que atravessam os espaços de circulação das *élites* cariocas:

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro. [8]

Nesta obra o autor apresenta a questão do racismo enleada a pelo menos duas outras, a classe social e o gênero; desvelando a condição social da mulher negra e moradora das periferias, numa sociedade machista e patriarcal, bem como a difícil situação em que viviam as camadas populares na sociedade brasileira. A protagonista homônima personifica uma moça negra tipo ideal (Weber, 2009) que “orçava pelos dezessete anos”, oriunda dos extratos proletários do subúrbio carioca.

Clara dos Anjos era filha do carteiro Joaquim dos Anjos, quem “gostava de violão e de modinhas” e de Engrácia, dona de casa “sedentária e caseira”. Lima nos conta que a moça fora criada com muito amor, cuidado e carinho, somente se ausentando de casa, em presença dos próprios pais ou acompanhada por Dona Margarida, uma senhora de origem teuto-russa que morava nas vizinhanças, viúva muito austera, que ensinava à Clara bordados e costuras.

Acostumada às musicatas do pai e dos amigos, crescera sonhando com os enredos, os ambientes, as vidas das pessoas, os afetos, as emoções e os sentimentos cantados nas modinhas. Anseios, angústias, desejos (Freud, 1996), representações individuais (Durkheim, 1970) e sociais (Moscovici, 2004) muito comuns às subjetividades, ao meio e à cultura social das moças pobres e de cor. Estas cresciam impressionadas com os dengues e o sentimentalismo amoroso próprio dos descantes, cadências, composições e cantorias populares. A estreiteza das suas relações sociais, limitada a uma vida reclusa e à ambiência na casa dos pais, também estimulava seus sonhos pungentes, inspirados pelas modinhas e em certas expressões dos pensamentos populares.

Assim como a mãe, Clara fora criada apenas para ser uma boa dona de casa, ajudando-a nos arranjos e na manutenção da ordem do lar. Joaquim dos Anjos, arrimo da família, saía para exercer o seu ofício e as duas mulheres ficavam o dia inteiro, metidas consigo mesmas, realizando suas respectivas tarefas e afazeres domésticos. Ambas serviam à figura do pai e marido [9].

Lima Barreto apresenta a personalidade de Clara como uma massa amorfa, líquida e fluida, demarcada por uma falta de suficiência imunológica psíquica (Berlinck) necessária ao *modus vivendi* de uma moça de sua posição no campo social bourdieusiano daquela tessitura (Thompson, 2011). Conforme alguns nos referimos, a jovem Clara dos Anjos nos é apresentada enquanto um *type idéal* das raparigas pobres e de cor, desescolarizadas dos subúrbios cariocas e brasileiros.

Tal afirmação sobre as mulheres como Clara é endossada pela descrição da história de vida da rapariga negra e infeliz Rosalina, estigmatizada (Goffman, 1998) [10] por “Madame Bacamarte” – roída por inúmeras moléstias vergonhosas. Seduzida em tenra idade, foi coagida a casar-se com um ébrio contumaz pela polícia, sendo costumeiramente espancada e obrigada a sustentar não apenas os filhos, mas o marido vicioso. Adquiriu os desmedidos vícios do esposo, posteriormente perdendo a modesta choupana em que morava. Atirada na sarjeta e abandonada pelo marido, deixou a guarda dos filhos aos vizinhos, intentou o suicídio e lançou-se à prostituição.

O autor identifica à protagonista na obra certa passividade, anseio algum de elevar-se dessa condição e reagir contra essa realidade social, reconhecendo alguma parcela de culpa aos atores sociais (Weber, 2009) que padecem perante tal situação, embora adjudicando grande responsabilidade às estruturas sociais desiguais [11]. Assim, longe de ser leviana, a personagem é também um produto de seu meio social; ou seja, a idade, o sexo, a cor da pele, a pobreza, a criação dentro de casa, a parca escolarização,

a circunscrição das relações sociais (pouca socialização), o machismo e em resumo, a “falsa educação” que recebera, contribuíram para a tragédia anunciada de Clara dos Anjos, delineada no desfecho do romance.

Possivelmente antecipando Gramsci, o autor quiçá pensasse na necessidade de melhor prepará-la para uma vida em sociedade e consecução de uma maioridade kantiana (Kant, 1784), constituindo-se-lhe uma individualidade social através de uma educação unitária (Gramsci, 1995) que conciliasse uma formação tanto arraigada nos estudos das humanidades, quanto no aprendizado de competências práticas, necessárias à construção de uma certa margem de autonomia individual e social.

Através da exposição de seu drama no percurso da obra, ou seja, a conseqüente sedução, embaimento, defloramento, gravidez e respectivo abandono pelo “consumado modinheiro” Cassi Jones, conforme alhures citamos, o narrador evidencia a condição social e de gênero de moças mestiças e pobres, assim como Clara dos Anjos, denunciando a existência do racismo e a posição subalternizada dos setores populares da sociedade brasileira de seu tempo.

No romance, Lima nos desvela que a situação da mulher negra naquela sociedade patriarcal deve ser percebida como uma “unidade complexa” (Mitchell, 1967) ou uma equação multifacetada que também se articula combinando a classe social, a raça/etnia e o gênero, enquanto variáveis independentes (Saffioti, 1995). Para Freyre (1977), uma das características dum regime patriarcal seria o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente quanto possível. Ele o sexo forte, nobre; ela o fraco e belo. Quiçá neste recorte, os motivos psicológicos das preferências masculinas se encontrassem em mais de uma raiz econômica, principalmente no desejo dissimulado de afastá-la da possível competição no domínio econômico e político, exercido pelo homem sobre as sociedades de estrutura patriarcal.

A exploração da mulher pelo homem numa sociedade patriarcal, onde o Brasil era majoritariamente agrário, conviria da mesma forma numa grave especialização ou diferenciação sexual, justificando-se um chamado padrão duplo de moralidade, concedendo ao homem mais liberdades de gozo físico no amor, oportunidades de iniciativa, ação social, contatos diversos; ao reverso da mulher, notadamente limitada ao serviço e às artes domésticas (Freyre, 1977).

Volteando ao enredo do romance, apresentamos o personagem quem desflorou Clara, Cassi Jones de Azevedo. Filho legítimo do empregado público Manuel Borges de Azevedo e da “madame empoadada” Salustiana Baeta de Azevedo, relatado como um rapaz branco proveniente dos estratos médios da sociedade que vestia-se “segundo as modas da rua do ouvidor” e mirava Clara com um “olhar guloso de grosseiro sibarita sexual”. Malandro carioca considerado por proezas desprezíveis, contava com cerca de dez defloramentos e a sedução de um número bem maior de senhoras casadas, muitas delas mulheres humildes; quase todos os casos terminando em escândalos e em grande humilhação para as suas vítimas.

Suas patifarias eram acoutadas pela mãe, dona Salustiana, uma pessoa soberba e que em suas crises de vaidade arrogava-se descendente de um tal fidalgo inglês, Lord Jones, suposto cônsul da Inglaterra em Santa Catarina. No enredo romanesco, a mãe se nauseava apenas ao conjecturar o filho casado com uma mulher das camadas populares, principalmente moças negras e mulatas, não trepidando em empenhar-se com o marido, o velho Manuel – “homem sério” e de “profundos sentimentos morais”, para livrar o filho da cadeia ou do casamento forçado pela polícia, devido aos seus “preconceitos de fidalguia e alta estirpe”.

Foi Antônio Marramaque, compadre de Joaquim dos Anjos e padrinho de Clara, quem anteviu a infortuna prenunciada de sua afilhada. Negro, velho, quase inválido e contínuo de secretaria, frequentava assiduamente a casa da família aos Domingos, sendo costumeiro conviva dos ajantarados. Apesar da apoucada ou rudimentar educação, havia vivido em rodas com pessoas de educação e instrução desenvolvidas, convivendo em todas as camadas sociais.

Psicanalisando Marramaque, Lima Barreto novamente nos possibilita desvelar os preconceitos social, racial e de gênero institucionalizados na sociedade brasileira e caracterizados enquanto fatos sociais (Durkheim, 1978), permitindo-nos entrever a influência das estruturas sociais cujos campos de interação estruturam posições e trajetórias (Thompson, 2011), condicionando as vidas e decerto, tolhendo as individualidades sociais.

Na sua vida, tão agitada e tão variada, ele [Marramaque] sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. A priori, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social.

Assim, presciente da iminente desgraça na vida de Clara, “o pobre e corajoso Antônio da Silva Marramaque”, homem orgulhoso de caráter e grande resolução moral tenta zelar pela afilhada, contrapondo-se ao “pústula” Cassi Jones e acabando por fim, assassinado por este em conluio com Arnaldo, um outro canalha que figura na trama literária. O autor salienta de forma emocionada que Marramaque morreu como sempre viveu, ou seja, morrera pobre. Porém ele morrera com a firmeza vivida, durante toda a sua vida.

No dia seguinte, ao passarem os primeiros transeuntes, ele estava morto. E, assim, morreu o pobre e corajoso Antônio da Silva Marramaque, que, aos dezoito anos, no fundo de um "armazém" da roça, sonhara as glórias de Casimiro de Abreu e acabara contínuo de secretaria, e assassinado, devido à grandeza do seu caráter e à sua coragem moral. Não fez versos ou os fez maus; mas, ao seu jeito, foi um herói e um poeta... Que Deus o recompense!

Após o desfloramento, logro e respectiva ciese de Clara no enredo da obra literária, Cassi Jones desaparece, como inveterado costumário. Desalentada, sorumbática e aflita, a moça recorreu à amistosa e vizinha da família Anjos, dona Margarida, não lhe conseguindo encobrir o fato. A viúva teutorrussa no romance social representa a construção simbólica de um ideal de mulher sobre o qual moças frágeis, assim como Clara – mestiças ou negras, pobres, desescolarizadas e até dessocializadas; deveriam se orientar.

Lima Barreto descreve Dona Margarida Pestana como uma mulher que enviuvando sem ceutil, adquirira casa, fizera-se respeitada e ia criando e educando o filho progressivamente. Ela era “uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava à Clara bordados e costuras”. Uma senhora que “tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos”, através de seus bordados e apesar dos preconceitos da época. O autor lha apresenta enquanto uma mulher portadora de traços enérgicos, “um porte severo”, “um ar varonil” e um “temperamento de heroína doméstica”. Sólida de caráter, rigorosa de vontade e visceralmente honesta.

Toda a sua vida [Dona Margarida] era marcada pelo heroísmo e pela bondade. Embora nascida em outros climas e cercada de outra gente, o seu inconsciente misticismo humanitário, herança dos avós maternos, que andavam sempre às voltas com a polícia dos czares, fê-la logo se identificar com a estranha gente que aqui veio encontrar. Aprendeu-lhe a linguagem, com seus vícios e idiotismos, tomou-lhe os hábitos, apreciou-lhe as comidas, mas sem perder nada da tenacidade, do esprit de suite, da decidida coragem da sua origem. Gostava muito da família do carteiro; mas, no seu íntimo, julgava-os dóceis demais, como que passivos, mal armados para a luta entre os maus e contra as insídias da vida.

A descrição miniaturizada e a representação individual (Durkheim, 1970) dessa personagem no percurso da obra literária é um dos indícios da simpatia do escritor Lima Barreto pelos trabalhadores

organizados em conselhos autogestionados (Soviets) no processo na Revolução Russa. Durante a construção e até mesmo à publicização do romance (1921-1922), ainda não havia chegado ao Brasil a notícia de que os Soviets operários haviam sido apossados e golpeados pelos bolcheviques, instaurando-se uma ditadura de partido único e um Estado centralizado (Peres, 1995, & Rocker, 2007).

À figura de Dona Margarida, Lima contrapõe aquela de Dona Engrácia dos Anjos, a mãe de Clara. Outra personificação do estereótipo das mulheres mestiças e negras, acanhadas de informação e oriundas das camadas populares da sociedade carioca e brasileira. Engrácia era dona de casa “sedentária e caseira”, uma mulher de temperamento “completamente inerte” e “passivo”, animada de “grande fervor religioso”. Uma senhora que se punha “tonta e desvairada”, quando lhe surgia qualquer acontecimento inesperado no lar, confiando todos os problemas de foro doméstico ao marido.

Após a confidência da desgraça acometida à Clara dos Anjos cuja oitava se deu através de seus próprios lábios, a viúva teuto-russa expôs os fatos à mãe atônita com muita diligência e se compadeceu da moça, empreendendo tomar as dores da menina Clara. O escritor nos retrata o desenlace, repleto de comoção entre mãe e filha, tornando a leitura emocionante e ensejando grande indignação. Dona Margarida mesma se oferece para acompanhar Clara à casa dos pais de Cassi Jones, a fim de promover o concerto entre as duas famílias. É pois, neste palco, que há o desfecho da narrativa.

A residência dos pais de Cassi se localizava “num subúrbio tido como muito elegante”. Dona Margarida e Clara foram ao encontro de Dona Salustiana e a viúva sem vacilar, contou-a sobre o ocorrido. A mãe de Cassi mesmo antes de saber que a moça era mais uma vítima da libidinagem do filho, quase não a olhava ou então a encarava com um evidente desdém. A moça percebendo tudo isso se inundou de raiva, sentindo um profundo rancor por toda a humilhação que estava atravessando e que ainda sofreria, devido à sua vexação.

O paroxismo da trágica história de vida da menina Clara dos Anjos ocorre com a aflição da rapariga por injúria racial e social perpetradas pela família do rapaz, sendo tamanha desfeita amparada pela grave viúva. O conflito encampado apenas se estanca, quando surge o pai de Cassi, o velho Azevedo, que ao adentrar os umbrais da casa se emociona com a situação lúgubre vivenciada por Clara, condoendo-se e exprobrando mais uma vileza perpetrada por seu “amaldiçoado” filho, desfalecendo subitamente.

Como epílogo desse drama, segue-se a cena narrada na casa dos pais da menina. Uma vez que o pai se encontra ausente, Dona Margarida relata à dona de casa o desfecho da entrevista, entremeadada por choro e copiosos soluções de mãe e filha. Num dado *momentum*, Clara ergue-se da cadeira em que se sentara e abraça mui fortemente a mãe dizendo com um “grande acento de desespero”:

- Mamãe! Mamãe!
- Que é minha filha?
- Nós não somos nada nesta vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Lima Barreto foi profundamente influenciada pelo seu nascimento, socialização e convivência nos círculos de escritores, poetas, intelectuais, trabalhadores, negros, mestiços, mulatos, bêbedos, principalmente nos subúrbios do Rio de Janeiro. A sua criação/ficção literária e até mesmo a sua verve apresentam-se não somente impregnadas por sua realidade psíquica (Freud, 1996), mas também por sua vivência histórica.

Lima se dedicou à sua grande paixão, a literatura, durante uma grande parcela de seu tempo livre. Indivíduo taciturno, introspectivo e de grandes sentimentos, zurziu a sua pena com ferocidade e amargura, denunciando uma sociedade atravessada por imensas contradições e desigualdades sociais.

Escritor negro, ebrioso obstinado, antimanicomial e anarquista ingressou na Confederação Operária Brasileira (COB) em 1914. Além de produzir contos, crônicas, memórias, romances, foi também um grande articulista na história da imprensa operária e libertária brasileira.

No romance social *Clara dos Anjos* há outros personagens e trajetórias demasiado interessantes que refletem não apenas os afetos, as vidas e os dramas de “carne” e “sangue da vida nativa real” (Malinowski, 1998) dos moradores das periferias brasileiras, tais como as narrativas sobre o mui velho e extremamente empobrecido “dentista prático” Meneses e acerca do mulato, poeta genial, altivo, endoidecido e falto de recursos Leonardo Flores (por suposto, o alterego de Lima Barreto neste enredo).

A obra não obstante, orbita o entorno da moça negra e pobre. Seus sonhos, esperanças, angústias, anseios, desejos (Freud, 1996), necessidades, faltas (Darriba, 2005) e tristezas. A história de sua vida e de sua família e decerto uma micro-história (Barros, 2007) e uma história à contrapelo (Benjamin, 1940) das periferias do Rio de Janeiro e do Brasil. Sua desventura individual, dentro de um drama histórico e social e, não apenas de uma época, mas também de uma classe social e de um povo.

NOTAS DE PÁGINAS

[1] O Império do Brasil foi o Estado brasileiro existente entre 1822 e 1889, sendo a Monarquia Constitucional Parlamentarista seu sistema político, regida pela Constituição do Império de 1824 — a primeira do país. Já a Primeira República do Brasil, também designada República Velha (simetricamente à República Nova, período ulterior encetado com o governo de Getúlio Vargas), foi o período histórico brasileiro que medrou da proclamação da República, em 15 de Novembro de 1889, durando até a Revolução de 1930, com a destituição do 13º e último presidente do período, Washington Luís.

[2] Para saber um pouco mais sobre a vida, a atuação libertária e a produção literária do amanuense Domingos Ribeiro Filho, sugerimos os textos - Martins, A. M. R. (2012). *Letras (im)pertinentes: A literatura na militância libertária de Domingos Ribeiro Filho (Rio de Janeiro, 1900 - 1934)*. Rio de Janeiro: Unigranrio. Recuperado de: <<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/caligrafo/artigos/caligrafo.pdf>>. Brandão, G. S., & Kauss, V. L. T. (2013). *Domingos Ribeiro Filho: Uma escrita literária perpassada pela história do anarquismo brasileiro* [Web log post]. Recuperado de: <<http://www.unigranrio.br/recursos/documentos/ICJr/7ICJr.pdf>>. Acesso em 13 de Abril de 2013.

[3] Empreendimento cooperativo e inovador, datado do final de 1907 e início de 1908, onde os colaboradores refletiam influências literárias de escritores diversos como Zola, Tolstoi, Eça de Queirós; e filosóficas de Bakunin, Kropotkin, Herbert Spencer, Jean Marie Guyau, etc. A pequena revista se isentava de estar ligada a greis ou partidos literários, propondo-se a lutar contra a hegemonia dos mandarins da literatura na imprensa da época.

[4] A burocracia segundo Weber caracteriza-se pela rotinização, formalidade, impessoalidade, racionalização e conseqüentemente eficiência. Para ele, a burocracia seria uma das conseqüências da progressiva racionalização e rotinização das sociedades contemporâneas e dos Estados modernos, resultante da complexificação da cultura. A burocracia do Estado brasileiro, no contexto histórico em que Lima viveu foi balizada pelo patrimonialismo de origem ibérica e pelo familismo político, logo o termo mais adequado dentro do léxico weberiano seria a "burocratização", indicando um processo pelo qual as atividades ou organização se tornam rígidas. O familismo político é uma instituição brasileira que remonta ao século XVI, atravessando os Brasis Colônia e Império, chegando à República, notadamente à Primeira República (1889 - 1930), período ao qual atina esta obra. Designa o processo de intervenção ou pujança d'algumas famílias patriarcais e oligárquicas, principalmente as elites

agrárias, na esfera pública e conseqüentemente na vida política do país. Segundo Holanda (1983), há uma preponderância incontestável e absorvente das relações do núcleo familiar que se projetam nas composições sociais engendradas entre nós; inclusive onde as instituições democráticas estão assentadas em princípios supostamente neutros e abstratos, pretendendo arraigar a sociedade em normas antiparticularistas (Freyre, 1995, & Holanda, 1983). Para a aquisição de mais informações sobre a dinâmica desta categoria no contexto brasileiro, recomendamos outrossim, a leitura das obras: Freyre, G. (1977). *Sobrados e mucambos*. (5ª ed.). Rio de Janeiro: J. Olympio. Freyre, G. (2004). *Ordem e progresso*. (6ª ed.). São Paulo: Global. Segundo Leal (2012), o coronelismo no Brasil é uma instituição que designa uma complexa estrutura de poder principiada no âmbito municipal, mediante a hipertrofia da figura do coronel (privada) sobre a esfera pública e o Aparelho de Estado (Althusser, 1974) resvalando no mandonismo, o filhotismo (ou apadrinhamento), a fraude eleitoral e a desagregação dos serviços públicos, compreendendo todo o sistema político do país, durante a República Velha. O sistema coronelista perfaz o controle da população, através do coronel – um "déspota local", quem detém as escolhas dos eleitores em candidatos por eles pré-determinados. Já o patrimonialismo no Brasil pode ser interpretado como um conjunto de práticas sociais e culturais que não distinguem uma fundamental diferença entre as esferas pública e a privada na vida política. Recomendamos a leitura de um clássico do pensamento social brasileiro, para uma compreensão mais densa acerca desse conceito: Holanda, S. B. (1983). *Raízes do Brasil*. (16ª ed.). Rio de Janeiro: J. Olympio.

[5] A expressão se refere ao cerceamento que o negro está sujeito, numa sociedade onde o racismo se encontra institucionalizado. Já Gonzalez & Hasenbalg (1982), operacionalizam a categoria "lugar do negro".

[6] Neste parágrafo ao esboçarmos um pouco acerca do pensamento político e social de Lima Barreto, destacamos também a influência da produção do filósofo, economista anarquista P. J. Proudhon e da imprensa proudhoniana sobre as concepções de federalismo libertário e contrato político que atravessam vários escritos barreteanos. Segundo Proudhon (2001), tal contrato não granjeia toda a sua dignidade e moralidade, se não for primeiramente sinalagmático e comutativo, possuindo depois seu objeto contido dentro de certos limites; condições supostas em regimes democráticos, porém ficção na maioria das vezes. Para ele, nas democracias representativas e monarquias constitucionais, o contrato político que vincula o cidadão ao Estado é exorbitante, descompensado e aleatório, pois a vantagem prometida, inicialmente insuficiente não é assegurada. Assim, para que o respectivo contrato satisfaça as condições supracitadas, ensejando a ideia de democracia, é preciso que o cidadão, ingressando na associação, receba do Estado o que este lhe sacrifica e depois conserve toda a sua liberdade, soberania e iniciativa, exceto ao que tange ao objeto contratado e para o qual se pede a garantia do Estado. Assim regulado e compreendido, o contrato político para Proudhon compreenderia uma federação.

[7] O racismo na sociedade brasileira contemporânea exsurge no Brasil Colonial e atravessa os Brasil Império e República, podendo ser outrossim interpretado, mediante o "autoritarismo afetivo" (Cerqueira Filho, 2005). Assim, o racismo no Brasil que se origina no período colonial, vincula-se à dimensão dos afetos e combina-se à ideologia dos grupos dominantes e conseqüentemente à ideologia da sociedade, reconfigurando-se depois em formas societárias posteriores, ou seja, percorrendo os períodos imperial e republicano até chegar aos dias de hoje.

[8] Na obra *Literatura como Missão*, Sevcenko (2003) afirma que a linguagem perpassa o centro de toda atividade humana, sendo produzida por um complexo jogo de relações sociais estabelecidas cujas potencialidades fluem sobre as realidades das pessoas, mediante lacunas abertas entre as palavras. Assim na narrativa romanesca a palavra e a linguagem, ainda que traduza em linguagem literária a visão do cronista sobre a geografia, a paisagem, o habitus (Bourdieu) da população carioca, na seleção dos fatos e na sua substância há uma relação com a história, devido ao

comprometimento com a vida e o momento da sua cidade. Dessa forma ele se refere à literatura como uma praxis discursiva por onde desafiam os inconformados e os desajustados socialmente, apresentando inextricável relação com a produção de Lima Barreto.

[9] A figura marital do carteiro neste romance, também pode ser considerada como uma transferência positiva da figura paterna de Dona Engrácia (Freud, 1996). No caso, a dona de casa transferia todas as responsabilidades quanto aos problemas no foro doméstico, incluso a resolução das questões mais simples, para o marido Joaquim dos Anjos que tutelava a mulher e a filha.

[10] O termo estigma assinala uma pessoa portadora de uma inscrição simbólico-social que, de certa forma, a avilta perante o grupo social no qual ela está inserida. Assim, o termo estigma expõe “[...] a situação de um indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena.” (Goffman, 1998). Para mais informações, sobre esta categoria, vide a obra Goffman, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

[11] O conceito de “estruturas sociais”, usamo-lo na acepção de Levi-Strauss (1987). A condição ou situação da moça Clara coaduna-se também com o conceito de minoridade em Kant (1784)

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. (1974). *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença.
- BARBOSA, F. de A. (2002). *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- BARROS, J. D. (2007). Sobre a feitura da micro-história. *Revista OPSIS*, 7 (9), 167-85. Recuperado de: <http://revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/9336#.UfSQZaw6x_9>. Acesso em 13 de Abril de 2013.
- BENJAMIN, W. (1940). *Teses sobre o conceito da história*. Recuperado de: <<http://mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/Teses%20sobre%20o%20conceito%20de%20hist%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em 13 de Abril de 2013.
- BERLINCK, M. T. (2013). Insuficiência imunológica psíquica. *Estudos Gerais da Psicanálise*. Recuperado de: <http://egp.dreamhosters.com/EGP/insuficiencia_imunologica.shtml>. Acesso em 10 de abril de 2013.
- BRANDÃO, G. S., & KAUSS, V. L. T. (2013). *Domingos Ribeiro Filho: uma escrita literária perpassada pela história do anarquismo brasileiro* [Web log post]. Recuperado de: <<http://www.unigranrio.br/recursos/documentos/ICJr/7ICJr.pdf>>. Acesso em 13 de Abril de 2013.
- CARVALHO, J. J. (2005). O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. *REVISTA USP*, 68 (88-103). Recuperado de: <<http://www.usp.br/revistausp/68/08-jose-jorge.pdf>>. Acesso em 13 de Abril de 2013.
- CERQUEIRA FILHO, G. (2005). *Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento*. São Paulo: Escuta.
- DARRIBA, V. (2005). A falta conceituada por Lacan: da Coisa ao objeto a. *Ágora*, 8 (63-76). Recuperado de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-4982005000100005>. Acesso em 13 de Abril de 2013.
- DURKHEIM, E. (1978). *As regras do método sociológico*. (2ª ed.). São Paulo: Editora Nacional.

- DURKHEIM, E. (1970). Representações individuais e representações coletivas. In: E. DURKHEIM, *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FREUD, S. (1996). *A interpretação dos sonhos e sobre os sonhos*. (vol. 5). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1996). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. (vol. 15). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1996). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. (vol. 22). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1996). *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos*. (vol. 20). Rio de Janeiro: Imago.
- FREYRE, G. (1995). *Casa-grande e senzala*. (30ª ed.). Rio de Janeiro: Record.
- _____. (1977). *Sobrados e mucambos*. (5ª ed.). Rio de Janeiro: J. Olympio.
- _____. (2004). *Ordem e progresso*. (6ª ed.). São Paulo: Global.
- GOFFMAN, E. (1998). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (4ª ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. (1982). *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- GRAMSCI, A. (1995). *Os intelectuais e a organização da cultura*. (9ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- HOLANDA, S. B. (1983). *Raízes do Brasil*. (16ª ed.). Rio de Janeiro: J. Olympio.
- IANNI, O. (1988). Literatura e consciência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura. 28 (30-45).
- KANT, I. (1784). *Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?”*. Recuperado de: <http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf>. Acesso em 13 de Abril de 2013.
- LEAL, V. N. (2012). *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras.
- LEVI-STRAUSS, C. (1987). *Antropología estructural*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- LIMA BARRETO, A. H. (1990). *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Garnier.
- _____. (1956). *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense.
- MALINOWSKI, B. (1976). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.
- MARTINS, A. M. R. (2012). *Letras (im)pertinentes: a literatura na militância libertária de Domingos Ribeiro Filho (Rio de Janeiro, 1900 - 1934)*. Rio de Janeiro: Unigranrio. Recuperado de: <<http://www.ufrj.br/graduacao/producencia/publicacoes/caligrafo/artigos/caligrafo.pdf>>. Acesso em 13 de Abril de 2013.
- MITCHELL, J. (1969). Mulheres: a revolução mais longa. In: MITCHELL, J. *Estrutura de classe e estratificação social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MOSCOVICI, S. (2004). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- NASCIMENTO, R. H. Z. (2010). Lima Barreto, anarquia e anticivilização. In: *Congresso Internacional da BRASA*. Conferencia llevada a cabo en el X Congreso Internacional da Brazilian Studies Association (BRASA), Brasília, Brasil.
- NIETZSCHE, F. (2000). *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Cia. das Letras.

- PERES, I. (1995). *Escritores libertários* [Web log post]. Recuperado de: <<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/brasil/07escritoreslibert.htm>>. Acesso em 13 de Abril de 2013.
- PROUDHON, P. J. (2001). *O princípio federativo*. São Paulo: Imaginário.
- ROCKER, R. (2007). *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra.
- SAFFIOTI, H. I. B. (1995). Influência do pós-modernismo nas teorias feministas. In: *Encontro nacional da ANPOCS*. Conferencia llevada a cabo en la XIX Reunião Nacional da ANPOCS, Minas Gerais, Brasil.
- SEVCENKO, N. (2003). *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense.
- THOMPSON, J. B. (2011). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.
- WEBER, M. (2009). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. (4ª ed.). (v.2). Brasília: UNB.